

P. José Fernando Caldas Esteves
Ir. Maria da Conceição Afonso Borges
Ir. Maria José Diegues de Oliveira

SEMENTES DE EVANGELHO

LEITURA ORANTE DO EVANGELHO

DOMINGOS DO ANO B

IMPRIMATUR

Bragança, 14 de Setembro de 2014

Festa da Exaltação da Santa Cruz

✠ *José Manuel Garcia Cordeiro*

Bispo de Bragança-Miranda

ORGANIZAÇÃO

P. José Fernando Caldas Esteves

Ir. Maria da Conceição Afonso Borges

Ir. Maria José Diegues de Oliveira

PROMOÇÃO

Diocese de Bragança-Miranda

DISTRIBUIÇÃO

Secretariado Nacional de Liturgia

Casa de Santa Ana – Santuário de Fátima

Apartado 10

2496-908 FÁTIMA

secretariado@liturgia.pt

www.liturgia.pt

IMPRESSÃO • ACABAMENTO

Artipol – Artes gráficas, Lda. – Águeda

DEPÓSITO LEGAL Nº 381139/14

ISBN 978-989-8293-54-1

CAPA

São Marcos Evangelista

Catedral de Nossa Senhora de Kazan em São Petersburgo (Rússia) – Vladimir Lukich

Borovikovsky (1804-1809)

APRESENTAÇÃO

Graças à presente publicação estão reunidos os textos que, durante o Ano B, foram publicados no semanário da Diocese de Bragança-Miranda, Mensageiro de Bragança, sob o título “Sementes de Vida”, e difundidos pelas vias da internet como “Página de União”. Esta iniciativa vem em linha de continuidade com a publicação Sementes de Evangelho, Ano A.

A centralidade da Palavra na vida e na missão da Igreja é indiscutível, e o primado cabe à coragem da escuta da Palavra. A audição da Palavra de Deus constrói a Igreja e encontra em Cristo a sua plenitude.

Mas esta escuta é tanto mais fecunda quanto é feita no contexto da comunidade que se reúne no Nome de Jesus, pois aqui Ele assegura a sua presença. Tal ambiente abre-nos às dimensões do Cenáculo, espaço percorrido pelo fogo santificador e esclarecedor daquele mesmo Espírito que nos “ensinará toda a verdade” (Jo 14, 26), Aquele mesmo que faz sair a Igreja do limite das suas próprias fronteiras. Não há pastoral sem a espiritualidade que nasce da Bíblia e da Liturgia.

A Igreja é a casa da Palavra, porque é comunidade chamada pela voz do seu Senhor. De facto, a Igreja escuta, proclama e vive a Palavra, sendo a liturgia o lugar privilegiado para essa comunicação: «Considerando a Igreja como ‘casa da Palavra’, deve-se, antes de tudo, prestar atenção à Liturgia sagrada, que constitui, efectivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente da nossa vida: fala hoje ao seu povo, que escuta e responde» (*Verbum Domini* 52).

O Leccionário, e em particular o Evangeliário, assume-se como uma das mesas da Celebração da Eucaristia, alvo de particular veneração, no qual a Igreja sempre viu a presença viva do Senhor que nos fala como a amigos e convive connosco para nos convidar à comunhão com Ele.

O Leccionário permite fazer o percurso do Ano Litúrgico, «para alimentar devidamente a piedade dos fiéis com a celebração dos mistérios da redenção cristã, sobretudo do mistério pascal» (SC 107). E cada domingo representa o ritmar semanal deste fluxo onde palpita a presença e a voz de Deus, coração da espiritualidade cristã.

Ouvir, é sempre o primeiro passo para dialogar. O homem escuta Deus, mas quando fala tem também a certeza de que Deus o ouve, como aconteceu com Abraão (Gn19,17ss). Temos, contudo, a necessidade de alguém que nos ajude a compreender que é Deus quem fala, tal como aconteceu a Samuel (1Sm 3,7-10).

Pretende-se assim que esta publicação possa ser um apoio para todos os cristãos que, na caminhada semanal, desenvolvida entre pressas e dispersões, entre fadigas e contrariedades, lutas e esperanças, se predispõem a preparar uma participação mais fecunda e frutuosa nas celebrações do Domingo, encontrando um nutritivo alimento da sua vida espiritual no miolo da Liturgia da Palavra que é o Evangelho.

Com o Evangelho segundo S. Marcos, o luzeiro deste Ano B, podemos também nós responder no coração à pergunta «quem é Jesus?» e narrar a alegria do encontro.

✠ *José Manuel Garcia Cordeiro*
Bispo de Bragança-Miranda

INTRODUÇÃO

Caros amigos e caras amigas, a aventura da sementeira continua! O divino Semeador não cessa de apostar nos nossos corações, campos de textura diversa, onde não faltam pedras, aves vorazes, até espinhos manhosos e, sem dúvida, muita terra arável.

Depois da publicação “Sementes de Evangelho – Ano A”, voltamos a arriscar um novo percurso, desta vez na companhia de Marcos, o Evangelista do essencial. Continuamos a recolher os artigos publicados no “Mensageiro de Bragança”, que semanalmente voam e se multiplicam pelos meandros da internet, como um verdadeiro milagre da multiplicação do Evangelho. É o milagre da comunhão, que se desenrola numa cumplicidade entre buscadores, tanto quanto quem escreve, como quem expressa e lê... quem se alimenta e vive.

O Evangelho de Marcos é de uma descrição elementar, que nos descentra do supérfluo e nos encaminha a busca, entre o deserto e a expectativa, sempre com uma interrogativa acerca da identidade de Jesus.

Todavia, não é uma definição o que vos propomos, antes um encontro. Desejamos que este compêndio de reflexões sobre os Evangelhos dos Domingos do Ano B, possa ir de encontro ao convite do Papa Francisco: “Convido todo o cristão (...) a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar” (EG 3). Que esta leitura possa, como aos discípulos, provocar-nos uma curiosidade, embotada à beira de tantas praias sem peixes, que apenas entretêm o nosso tédio, e convidar-nos a outros sonhos, a outras navegações. Que possamos deixar cruzar o olhar com o deste homem que conhece a composição das nossas lágrimas, porque elas também correm no seu rosto, que sorri e acaricia, também percorrido pela ira do chicote e pela espontaneidade que acarinha uma criança ao colo, que questiona rituais vazios e desvenda segredos tão simples; um Jesus cansado e esgotado, onde nos podemos rever, de olhos enevoados com a poeira do caminho e perturbado pela dor dos encontros, que se deixa tocar, que sente apertar-se-lhe o coração e facilmente se comove e se compadece. Um homem

que se arrisca a ser tomado como glutão, ébrio e demasiado tolerante, escandalosamente acolhedor, mas cuja filiação divina até os demónios temem e as vozes impuras dos pagãos conseguem vislumbrar.

Que ousemos peregrinar por esta história, assumindo-a como nossa. Sentindo-nos confiantes para apresentar-lhe as nossas lepras, cegueiras e febres, aquela crosta de egoísmo que ainda prospera na gangrena da solidão, feridas abertas, transportadas em enxergas, para depois levarmos, nós mesmos, para casa (qualquer casa!) as enxergas cheias de vida, a fim de a derramar em outras feridas que desconhecem a fonte da alegria.

Com Marcos, surpreendamos tantos encontros de Jesus, os inopinados e os marcados com os amigos, cujo carinho é também bálsamo para cansaços e decepções. Que nos fique na vontade sermos nós os destinatários deste encontro, até nos atrevermos a penetrar no segredo da sua intimidade, quando Ele se retira para o silêncio, a fim de se refazer sob o olhar amoroso do Pai.

Marcos radiografa o coração de Deus, no coração humano de Jesus, que vem com uma autoridade nova, questionada até à exaustão. A Palavra de Deus educa-nos! É significativo que o Evangelho de Marcos se desenrole a partir da aridez do deserto, e depois fique aberto à borda de um sepulcro vazio, a olhar uma rota ascendente até à consumação dos céus... Nele há sempre um espaço, uma pista que nos encaminha para a essência da vida, como a página em branco que incentiva a nossa escrita. Marcos revela-nos que, perante Jesus, há uma resposta a dar, que Ele alvoroça todo o ambiente, que inexoravelmente nos interroga e provoca uma atitude comprometedora: de que lado estamos?

Domingo, após Domingo, num ritmar semanal, possa este percurso provocar em nós o fascínio do discípulo, e o perfume de uma vida deslumbrada pelo Esposo.

Aquele que nos permite este mergulho na Palavra, certamente que também desafia cada um de nós a tornar-se uma semente de Evangelho.

Mons. José Fernando Caldas Esteves
Ir. Maria da Conceição Afonso Borges
Ir. Maria José Diegues de Oliveira

TEMPO DO ADVENTO

DOMINGO I

VIGIAI

EVANGELHO

Mc 13, 33-37

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Acautelai-vos e vigiai, porque não sabeis quando chegará o momento. Será como um homem que partiu de viagem: ao deixar a sua casa, deu plenos poderes aos seus servos, atribuindo a cada um a sua tarefa, e mandou ao porteiro que vigiasse. Vigiai, portanto, visto que não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se de manhãzinha; não se dê o caso que, vindo inesperadamente, vos encontre a dormir. O que vos digo a vós, digo-o a todos: Vigiai!».

Caros amigos e caras amigas, sempre nos custa esperar. Mas quando o amor é maior, o tempo de espera constrói-nos por dentro e permite-nos criar espaço para o hóspede. É tempo de Advento, de espera(nça), de acolhimento, de surpresa, de trabalhar em nós a missão de sentinela! A qualquer momento, Cristo pedirá para entrar, para nascer de novo em nós.

Chegará o momento

A história faz-se de momentos. Pequenos flashes que constroem um caminho de busca e de espera. Há encontros previamente marcados, momentos que já esperamos e nos colocam numa atitude prévia de acolhimento. Mas na nossa vida, muitos mais são os *momentos inesperados*, os encontros surpresa, que testam a nossa capacidade de vigilância e de acolhimento. As novidades teimam em quebrar a nossa rotina. E ainda bem! Deus é sempre novo, a sua novidade convida-nos a vigiar, pois há sempre um novo momento de encontro com Ele.

A cada um a sua tarefa

No livro da vida, Deus precisa de nós. Atribui a cada um a sua tarefa. Confia nas nossas mãos, no nosso coração, nos nossos lábios, nos nossos pés... deixa-nos “entregues” à sua casa. Não nos questiona esta confiança desmedida de Deus? Como nos encontrará e encontrará a sua casa ao voltar?

Vigiai!

Se soubéssemos quando o Senhor vem e como, não precisaríamos de vigiar, bastaria marcar uma hora com Ele, ou estarmos prontos no momento certo. Mas Deus é surpresa. Surge na tarde, no cansaço do trabalho, nas horas de menos paciência, de maior azáfama... e aí será urgente vigiar. Vigiar na tarde, é manter um coração sereno e aberto ao tudo que é Deus, pois só Ele basta.

Deus é surpresa. Surge à meia noite, quando o sono da rotina nos adormece, quando os sonhos pessoais escurecem o sonho de Deus sobre nós... e aí será urgente vigiar. Vigiar na noite, é deixar espaço para a gratidão, para o louvor, para o perdão e para o sonho que Deus tem para nós, pois Ele é tudo.

Deus é surpresa. Surge ao cantar do galo, quando a vida aflora e não temos tempo para Ele, quando os queixumes e o desespero nos deixam ensonados... e aí será urgente vigiar. Vigiar pela manhã, é abrir o coração à novidade da Palavra e à fome do Pão e deixar que seja Ele a conduzir o nosso dia, pois Ele quer habitar em nós.

Deus é surpresa e, ou vigiamos, ou nos encontrará a dormir. Quando O acolhemos, caros amigos e amigas a vida torna-se Evangelho.

VIVER A PALAVRA

Vou cultivar uma atenção permanente para ler os inesperados anúncios de Deus.

REZAR A PALAVRA

Perturbas-me, Deus da demora e da pressa, Deus do já e do ainda não.

Tu que me sacias, és a veemência da minha sede; Tu que me serenais, tanto me inquietas!

Tu que me procuras és o mesmo que me mandas esperar-Te em hora incerta.

Tu que és o milagre, nunca me dás resolvidas as equações da vida!

Tu que me fazes sonhar e és o meu repouso, não suportas encontrar-me a dormir!

Tu que, ao pormenor, me responsabilizas, envolves-me numa confiança infinda.

Perturbas-me e encantas-me, Deus novo, que me fazes de novo, em cada desafio.

Amo-Te, surpreendente Deus, que confias ao meu coração um pleno poder de amar!

Ofereço-Te o meu labor, Deus que não deixas perder a minha vida quando morre por Ti!

Espero-Te, Deus que esperas sempre por mim e nunca desistes de me encontrar.

O teu momento já vive em mim: não deixes que a espera queime a esperança.



TEMPO DO NATAL

NATAL DO SENHOR

SER A CARNE DO VERBO

EVANGELHO

Jo 1, 1-18

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, Ele estava com Deus. Tudo se fez por meio d'Ele e sem Ele nada foi feito. N'Ele estava a vida e a vida era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas e as trevas não a receberam. Apareceu um homem enviado por Deus, chamado João. Veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. O Verbo era a luz verdadeira, que, vindo ao mundo, ilumina todo o homem. Estava no mundo e o mundo, que foi feito por Ele, não O conheceu. Veio para o que era seu e os seus não O receberam. Mas àqueles que O receberam e acreditaram no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. Estes não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós. Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como Filho Unigénito, cheio de graça e de verdade. João dá testemunho d'Ele, exclamando: «É deste que eu dizia: 'O que vem depois de mim passou à minha frente, porque existia antes de mim'». Na verdade, foi da sua plenitude que todos nós recebemos graça sobre graça. Porque, se a Lei foi dada por meio de Moisés, a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. A Deus, nunca ninguém O viu. O Filho Unigénito, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer.»

Caros amigos e amigas, celebramos o Verbo... no verbo nascer. Mas, quem nasce? É ainda Jesus, ou é cada um de nós? É Jesus que quer nascer em nós, que nos convida a nascer, a deixarmo-nos ser recriados n'Ele.

O Verbo... vida e luz, nascer e ver, princípio e plenitude

O Verbo é o princípio que nos franqueia o espaço para nascer. Nascer carrega intensamente o dinamismo da vida, pois aponta para uma ruptura constante com a morte. Celebrar o Natal de Jesus é um convite a nascer. É maravilhoso poder ainda hoje nascer, qualquer que seja a nossa idade. Uns capítulos mais à frente João narra-nos como Nicodemos ficou abalado com esta revelação. Jesus liberta-nos do pacto com uma “vida” viciada, que adormece na rotina e na insensibilidade, uma vida que se alimenta apenas na carne e no sangue... no imediato, na caducidade.

É também um convite a ver, porque o Verbo é a Luz. Sendo Deus e fazendo-Se nosso irmão, Ele escreve nos nossos olhos o reconfortante rosto de Deus que é Pai. Ele ilumina a penumbra dos nossos critérios e revela-nos a consumação da nossa humanidade peregrina: Ele mesmo, que é a plenitude.

A luz brilha nas trevas mas as trevas não a receberam

Este é o contundente drama da nossa humanidade! A habituação às sombras da arbitrariedade, torna-nos insensíveis ao esplendor da Verdade. O discípulo amado explica-nos que a Palavra Criadora entra nas entranhas da sua própria criação. É um movimento de humildade o deste Deus que desce... até nós, a ponto de assumir a nossa carne, como um inefável dom e, incrivelmente, é obsequiado com a rejeição. Como é possível que seja encarado como um estranho Aquele que conhece a composição orgânica das nossas células e o arcano dos nossos pensamentos? Como é possível que o contraste da Luz não intimide as trevas? É só possível porque em cada um de nós existe essa cega obstinação que nos encerra num nocturno eu, que tende a defender-se da denúncia da Luz, da Verdade. Porém, Deus não usa os nossos métodos drásticos, antes detém-se junto do nosso ser, com a paciência e a perseverança de um apaixonado.

Celebrar o Natal de Jesus é escutar de novo, desde os antros da noite, uma serenata amorosa por parte deste Deus pedinte que pede licença para

entrar no que é seu, que suplica o que Lhe pertence. Este delicado Deus que não conquista pela força mas investe em nos ganhar através do poder do amor.

E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós

Habitou. Mas ainda habita. A Palavra Criadora pode ser exalada na nossa própria carne quando deixamos que Ele a assuma, que Ele encarne de novo no âmago da nossa vida. Desde o alfabeto das nossas possibilidades, na ortografia dos nossos gestos, nos fonemas das nossas obras, pode Deus manifestar a eloquência da salvação. Todo o meu ser pode falar (de) Deus; Ele tem, em mim, uma mensagem a proclamar!

Celebrar o Natal de Jesus é deixar que a nossa carne se torne numa manifestação do Verbo, é possibilitar que Jesus anuncie, hoje na minha vida, o vigor e a beleza do seu Evangelho!

VIVER A PALAVRA

Vou oferecer Cristo como *presente de Natal* a quem me rodeia.

REZAR A PALAVRA

Senhor, em Ti está o princípio, o tempo, a história... o amor.

Desces ao meu encontro e reclamas, em mim, uma morada para o teu mistério.

Sou filho do teu amor, Senhor. Pedinte da tua vida e verdade, tabernáculo da tua luz,

que não consigo reter, de tão brilhante que é, nas paredes débeis da minha tímida vontade.



*Senhor, o teu amor fez-se carne, habitas em nós. Como poderei não
cantar este encontro?*

*Senhor o teu amor é Palavra que abraça, como poderei não
gritar esta aliança?*

*Louvo a tua humildade que recria e inquieta... ontem,
hoje e sempre é Natal!*



TEMPO DA QUARESMA

DOMINGO I

DEIXAR-SE CONDUZIR AO DESERTO

EVANGELHO

Mc 1, 12-15

Naquele tempo, o Espírito Santo impeliu Jesus para o deserto. Jesus esteve no deserto quarenta dias e era tentado por Satanás. Vivia com os animais selvagens e os Anjos serviam-n'O. Depois de João ter sido preso, Jesus partiu para a Galileia e começou a pregar o Evangelho, dizendo: «Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho».

Caros amigos e amigas, este Evangelho é um condensado de toda a história da salvação, de toda a aventura da humanidade e da nossa história pessoal. No início deste “tempo favorável” Deus volta a escolher o deserto para nos convidar a um (re)encontro... com Ele.

Deixar-se conduzir ao deserto

Aparentemente onde não há nada nem ninguém está, no entanto, Deus. Ali, onde tudo foge e tudo falta, pode-se ainda viver de fé e experimentar o amor divino! Se, por um lado, o deserto é símbolo de vazio, sede e fome, renúncia de comodidades, por outro lado, ali Deus patenteia-nos uma liberdade desmesurada capaz de nos abrir, um silêncio amplo que permite a escuta, uma luz que desmascara as trevas, uma solidão apta a um encontro... o sair de um mundo para chegar ao coração do mundo, ali onde se encontra Deus. Mas, como Jesus, precisamos de um coração dócil para nos deixar conduzir...

Como a Adão, o pecado faz-nos temer a nudez e a exposição perante a voz de Deus, mas é precisamente a nudez do deserto que nos ajuda a reencontrar o Éden que parecia perdido e o timbre da voz de Deus que nos recria.

É ali que aprendemos o abandono da fé, a entrega de toda a vida nas mãos de Deus. É ali, distantes dos caminhos já percorridos, que reaprendemos a viver com a própria humanidade, que reaprendemos a caminhar, ao descobrir que só Ele é a terra prometida.

Viver entre feras e anjos

É uma expressão que toca a nossa realidade existencial, o clássico dualismo que nos parece perseguir, extremar e despedaçar. Porém Jesus mostra-nos que esta realidade, mais do que consumir-se em destino, nos brinda a uma escolha. E esta escolha depende da nossa atitude e do nosso olhar.

Como os outros evangelistas sinópticos, Marcos não nos apresenta o cortejo das tentações, mas um vislumbre em que, antecipadamente, nos apercebemos de todo o drama que se desenvolverá nos três anos da vida pública de Jesus e se concluirá na conspiração dos chefes do povo, na traição de Judas, no abandono dos discípulos e na morte de cruz.

É no deserto que Jesus escolhe qual o rosto de Deus a anunciar: aquele fácil Deus, patrão e polícia, ou o impossível Deus, servo e apaixonado da cruz? Escolhe também qual o rosto do homem a seguir: o do rival ou o do irmão? É desta escolha que explode o feliz anúncio: “está próximo o reino de Deus”!

Arrependei-vos e acreditai no Evangelho

Parece que Jesus nos dá uma ordem. E, no entanto, faz-nos um convite, dirige-nos uma oração. Não nos pede obediência, mas oferece-nos uma oportunidade. E sentimos a doçura desta oração e o feliz convite: “Mesmo quando tudo te parece deserto, quando os rostos parecem feras, quando te sentes pecador, Deus está aqui e cura a tua vida. Deus está contigo, com amor: confia e recomeça do amor”.

Deus ama-nos tal como somos, e nada está perdido definitivamente para Ele, como o proclamará a noite de Páscoa: “Feliz culpa, que mereceu ter assim um grande Redentor”!

Passando pelo deserto, Jesus deixa a sua marca nos nossos desertos: nunca mais estaremos sós. Como não acreditar?! Em qualquer dificuldade ou solidão, podemos reconhecer as pegadas dos seus passos, os vestígios da sua presença, o reflexo do seu rosto a abrir-se para nós em doce Evangelho!

VIVER A PALAVRA

Neste tempo da Quaresma quero arriscar a entrar no deserto para me deixar recriar por Deus.

REZAR A PALAVRA

*Senhor, na correria da vida, onde o relógio dita as regras do tempo,
o teu tempo é paragem dinâmica, viagem no deserto, descoberta de um
sim...*



*é a força do Espírito que transforma o meu tempo em
caminho de conversão
e me lança no deserto das escolhas, na arena da
tentação...
É aí que me propões o amor como estrada, meta e
fonte...
É aí que me convidas a acreditar na Palavra que me
recria...
Porque estás próximo e não me deixas sozinho neste
deserto!*

TEMPO PASCAL

VIGÍLIA PASCAL

O TÚMULO VAZIO

EVANGELHO

Mc 16, 1-7

Depois de passar o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para irem embalsamar Jesus. E no primeiro dia da semana, partindo muito cedo, chegaram ao sepulcro ao nascer do sol. Diziam umas às outras: «Quem nos irá revolver a pedra da entrada do sepulcro?». Mas, olhando, viram que a pedra já fora revolvida; e era muito grande. Entrando no sepulcro, viram um jovem sentado do lado direito, vestido com uma túnica branca, e ficaram assustadas. Mas ele disse-lhes: «Não vos assusteis. Procurais a Jesus de Nazaré, o Crucificado? Ressuscitou: não está aqui. Vede o lugar onde O tinham depositado. Agora ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que Ele vai adiante de vós para a Galileia. Lá O vereis, como vos disse».

Caros amigos e caras amigas, a ida destas mulheres ao sepulcro é um acto de amor. E é neste amor que se desenrola uma onda imensa, uma notícia que atravessa os tempos e chega, com a frescura inicial, até nós, capaz de alvoroçar os nossos corações acomodados na rotina.

O túmulo vazio

As três mulheres demonstram uma profunda estima pela pessoa do Mestre que tão injustamente tombara na armadilha das invejas. O acto de derramar perfume sobre alguém, tem na Bíblia um significado denso de dedicação, homenagem e carinho. Certamente que, perante o sepulcro vazio, se misturaram muitos sentimentos: a dor, a estupefacção, a alegria, a dúvida ... mas todos foram superados pelo amor. Só o amor pode suportar o desconcerto perante a vida, porque naquele momento as mulheres não se espantam perante a morte, mas perante os sinais de vida.

Só o amor é capaz de vislumbrar a boa notícia à borda do túmulo vazio. Amigos e amigas, também nós precisamos de encontrar o túmulo vazio. Nas nossas igrejas, o ambão é o ícone do túmulo vazio, sinal do primeiro anúncio da vida nova a todo o universo. Este túmulo é como um ventre, o ventre da terra, de onde se dá o parto da ressurreição. E são as mulheres, entendidas em geração de vida, que arcam com esta notícia. As três mulheres são as parteiras da notícia onde dimana uma vida plena, perene, que vence todas as formas de morte. Por isso o desafio da nossa procura está na Palavra de Deus, porque se nunca encontrarmos o túmulo vazio podemos continuar a honrar a múmia, o cadáver, a imagem abstracta de um Jesus do passado.

Uma incumbência absurda

O que farão agora estas três mulheres com a ordem, aparentemente sem sentido, de dar uma notícia com uma incrível fragilidade de argumentos? Elas poderiam ter permanecido ali, junto do Anjo, a esgotar todos os cálculos científicos para fundamentar esta notícia, pois seriamente se candidatam a uma desacreditação junto dos discípulos e mais: a tornarem-se objecto de chacota, como crédulas e visionárias. Mas elas, que são entendidas em geração de vida, sabem que o amor é capaz de suportar o desconcerto da fé e levam a notícia como uma semente.

Ele vai adiante ... Lá O vereis, como vos disse

Talvez os discípulos já não se recordassem de uma promessa dita entre outras tantas. A nossa memória é falível e guardamos apenas coisas que achamos nos possam ser úteis no futuro. Mas pode ser que a notícia trazida pelas mulheres acorde neles o encanto da primeira hora. Ele vai adiante. Sempre tinha sido assim ... e agenda o encontro no local onde tudo tinha começado. Ele espera-vos. É um novo início, e a primeira sedução volta a acender-se, ali na Galileia terra inóspita, comparável ao deserto ... como quando Deus

chama Israel ao deserto para “lhe falar novamente ao coração”. Caros amigos e amigas, ainda hoje Ele volta a marcar connosco um novo encontro, como uma primeira vez, como o primeiro amor, porque a novidade, a frescura da ressurreição, estão no Evangelho!

VIVER A PALAVRA

Na oração vou procurar encontrar-me com um Jesus vivo e não com uma pessoa do passado.

REZAR A PALAVRA

Senhor, ressurreição e vida, não mais Te procurarei num túmulo de memórias e conceitos:

Tu superas todos os lugares fixos onde tento controlar-Te e à tua graça.

Brilha hoje novamente sobre a minha alvorada atormentada por tantos sinais de morte;

Desenterra a minha alegria, com a tua ressurreição: hoje quero cantar a tua presença!

Senhor, voltas a chamar-me, voltas a marcar comigo um encontro de amor: eis-me aqui;

Envia-me a percorrer os caminhos dos irmãos, lançando a notícia de que és o Vivente!



NOTA: O Evangelho da Missa no Dia de Páscoa (Jo 20, 1-9) encontra-se publicado no Ano A.

TEMPO COMUM

DOMINGO II

VINDE E VEDE

EVANGELHO

Jo 1, 35-42

Naquele tempo, estava João Baptista com dois dos seus discípulos e, vendo Jesus que passava, disse: «Eis o Cordeiro de Deus». Os dois discípulos ouviram-no dizer aquelas palavras e seguiram Jesus. Entretanto, Jesus voltou-Se; e, ao ver que O seguiam, disse-lhes: «Que procurais?». Eles responderam: «Rabi – que quer dizer ‘Mestre’ – onde moras?». Disse-lhes Jesus: «Vinde ver». Eles foram ver onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Era por volta das quatro horas da tarde. André, irmão de Simão Pedro, foi um dos que ouviram João e seguiram Jesus. Foi procurar primeiro seu irmão Simão e disse-lhe: «Encontrámos o Messias» – que quer dizer ‘Cristo’ –; e levou-o a Jesus. Fitando os olhos nele, Jesus disse-lhe: «Tu és Simão, filho de João. Chamar-te-ás Cefas» – que quer dizer ‘Pedro’.

Caros amigos e amigas, no Evangelho de hoje alguns verbos são essenciais – procurar, encontrar, permanecer – e indicam um percurso para este ano novo.

“Vendo que Jesus passava”

Quem me dera ter o olhar de João que vê o Cordeiro de Deus aproximar-se. Desde a criação Deus anda à procura do homem (cf. *Gênesis*: “Adão, onde estás?). Ele procura-nos como manso cordeiro que não pede sacrifícios mas que se sacrifica por nós; não pede ofertas, mas dá-se Ele mesmo em holocausto. O Criador torna-se, por amor, vítima!

E quando nos encontra pergunta: “Que procurais?” As primeiras palavras de Jesus, no Evangelho de João, são a pergunta fundamental da existência. Que procuraremos na nossa vida? O que é nos move, arrasta, alegra, faz viver? Qual é a nossa maior fome e sede? O que é que nos deixa pobres? Quais são os nossos desejos mais verdadeiros? A resposta não será nem o

dinheiro, nem a saúde, nem o poder. A mesma só pode ser dada pelo coração. A pergunta do Mestre é um convite para uma peregrinação ao coração, para compreendê-lo e decifrar as suas raízes. A vida move-se apenas por uma paixão, pelos sonhos, pela beleza e bondade. Nunca pela imposição.

“Quem procuras?” será perguntado no Jardim da Páscoa por Jesus a Maria Madalena que O deseja abraçar. Afinal, procuramos sempre o outro, alguém a quem abraçar. Se não estivermos apaixonados pela vida nunca encontraremos o Senhor.

“Mestre, onde moras?”

É quase como dizer: “Deus, onde estás”? Procuramos a sua casa para estar com Ele, para nos sentarmos aos seus pés e escutar as palavras que fazem viver, para habitar o milagre da sua amizade e reacender o coração, para O contemplar e d’Ele aprender a amar verdadeiramente. Todos procuramos aquele desejo de amor, aquele nome novo que só Deus sabe pronunciar, como no caso de Pedro, que torna a vida sólida e preciosa como uma rocha.

A fé é sempre este desejo de encontro, de presença, de relação e de fidelidade. E só quem encontrou Deus pode falar d’Ele e com Ele. A fé é a procura constante da casa do Mestre. É Ele a casa, onde a vida se torna festa.

“Foram ver onde morava e ficaram com Ele”

Mesmo se o endereço da casa não é indicado por João, bem gostaríamos de saber o que disse Jesus, naquele dia às quatro da tarde, aos dois discípulos que se sentiram fascinados pelo seu olhar. Mas, como é indiscreto gravar os segredos dos diálogos, nada ficou registado. Penso, contudo, que as palavras foram poucas. Na verdade, só nos encontramos com alguém quando paramos e permanecemos, quando temos tempo para escutar-lhe o coração, quando os silêncios dizem muito mais do que as palavras. Habitar, viver, morar, ficar, experimentar a vida ordinária do Mestre, gozar da sua compa-

nhia, ... não são ideias ou poção mágica, mas uma experiência concreta de partilha de vida. E o amor, mais do que dizê-lo, vive-se e experimenta-se.

Os discípulos ficaram até tarde. Também nós só O encontraremos se reservarmos tempo para a escuta do coração, para escutar aquelas perguntas que tornam viva a vida. Ele encontra-Se nas margens do nosso hoje.

As horas vividas com Deus gravam-se para sempre. E quando Ele fixa o seu olhar sobre nós, a nossa vida transforma-se e torna-se contágio de milagre. Só Ele é, caros amigos e amigas, o Evangelho!

VIVER A PALAVRA

Vou manter alerta o meu olhar para perceber quando Jesus passa pela minha vida.

REZAR A PALAVRA

Senhor, procuro a fonte de onde jorra a verdadeira água que sacia a minha sede.

Senhor, procuro o caminho que me conduzirá à presença do amor maior.

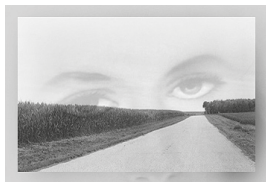
Senhor, procuro a luz que dissipa as trevas do meu medo e da minha dúvida.

Senhor, procuro a brisa que segreda a essência do mistério do teu abraço.

Mestre, diz-me, onde moras? Onde está a fonte, o caminho, a luz, a brisa...?

Nesta interrogação que me inquieta... descubro o teu olhar que procura o meu e me convida de novo:

Vem, põe-te a caminho comigo, vê e encontrar-Me-ás!



ÍNDICE

Apresentação.....	5
Introdução	7

TEMPO DO ADVENTO

Domingo I	10
Domingo II.....	13
Domingo III	16
Domingo IV	20

TEMPO DO NATAL

Natal do Senhor.....	24
Santa Maria, Mãe de Deus	28
Epifania do Senhor	31
Baptismo do Senhor	34

TEMPO DA QUARESMA

Domingo I	38
Domingo II.....	41
Domingo III	44
Domingo IV	47
Domingo V.....	50
Domingo de Ramos	53

TEMPO PASCAL

Vigília Pascal.....	58
Domingo II.....	61
Domingo III	64
Domingo IV	67
Domingo V.....	70
Domingo VI	74
Domingo VII – Ascensão do Senhor	77
Domingo de Pentecostes.....	80

TEMPO COMUM

Domingo II.....	84
Domingo III	87
Domingo IV	90
Domingo V.....	94
Domingo VI	97
Domingo VII.....	100
Domingo VIII	103
Domingo IX	106
Domingo X.....	110
Domingo XI	114
Domingo XII.....	117
Domingo XIII	121
Domingo XIV	125
Domingo XV.....	128
Domingo XVI	131
Domingo XVII.....	134
Domingo XVIII	138
Domingo XIX	142
Domingo XX.....	145

Domingo XXI	148
Domingo XXII.....	151
Domingo XXIII	154
Domingo XXIV	157
Domingo XXV.....	160
Domingo XXVI	163
Domingo XXVII.....	166
Domingo XXVIII	169
Domingo XXIX	173
Domingo XXX.....	176
Domingo XXXI	179
Domingo XXXII.....	182
Domingo XXXIII	185
Domingo XXXIV – Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo	188

SOLENIDADES DO SENHOR NO TEMPO COMUM

Santíssima Trindade	194
Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo	197
Sagrado Coração de Jesus.....	200

